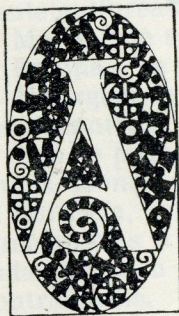


O trabalho das mulheres em Portugal



ANA DE CASTRO OSÓRIO



acção social da mulher foi sempre benéfica e persistente através dos oito séculos de história, que o nosso país apresenta como uma das mais belas e das mais brilhantes da civilização europeia.

Devendo escrever algumas palavras sobre o trabalho feminino em Portugal não nos referiremos à sua acção artística, científica ou burocrática por quanto a actividade laboriosa da mulher adentro dessas funções não determina uma especialização sexual e sim a manifestação de talentos e aptidões individuais, que indistintamente pertencem aos dois sexos.

A arte — especialmente sob o ponto de vista literário — é campo largamente aberto onde a mulher tem mantido ininterruptamente

o seu lugar de honra, não deixando perder a fama europeia que na Renascença adveio às Senhoras Portuguezas «de serem das mais cultas da Europa».

Também não queremos referir-nos à mulher médica, advogada, notário, conservadora, funcionária emfim, porque sendo esse seu labor igualmente insexual, as suas superioridades são meramente individuais, tal qual sucede aos homens.

Pelo mesmo motivo deixamos sem referência o trabalho das mulheres como comerciantes e como industriais, actividades produtivas em que o seu esforço se individualisa com honra para a raça em seu conjunto.

Se pretendessemos citar nomes comprovativos de quanto a mulher portuguesa sabe marcar com firmeza o seu lugar no conjunto social, não poderíamos deixar de fazer uma lista relativamente extensa, que não cabe na especialização deste pequeno estudo. No entanto devemos, de passagem, fixar com orgulho a alta figura moral e profissional duma senhora médica, que obteve por concurso o lugar de que se desempenha com provada competência, a Dr.^a Sofia Quintino, directora duma secção na clinica do hospital de S. José, que é uma maravilha de ordem de proficiência e disciplina. «A cura dos lupus pelos raios vermelhos».

Seria também justa frisar, de passagem, que na grande industria de conservas de Setubal uma das casas que tem sabido sempre manter o seu lugar com o mais escrupuloso cuidado no fabrico, sendo das que através da guerra e de todos os correlativos precalços soube manter os créditos das suas marcas com alta cotação no estrangeiro, a firma Costa & Carvalho, está na posse e direcção duma senhora há mais de vinte anos, desdobrando-a e desenvolvendo-a com um poder de energia, persistencia e intelligencia commercial, raras em toda a parte.

Mas, entrando rápidamente no assunto que o limite destas páginas nos impõem começaremos por nos referir ao trabalho feminino na agricultura, que vem da mais remota tradição lusitana e do trabalho que podemos considerar hoje uma das grandes riquezas de Portugal, que sob os seus variadissimos aspectos classificaremos de pequenas industrias regionais, umas dependentes da Agricultura, outras que se devem classificar como sómente artisticas.

Na agricultura e suas pequenas correlativas industrias, a mulher tem um lugar bem marcado no norte, centro e extremo sul do país, como a querer manter as informações historicas que no se-

gundo seculo da nossa era fazia escrever a Justino: «As mulheres lusitanas tratam da casa e da cultura dos campos; os homens tratam da guerra e da rapinagem».

Nas regiões rurais de forte emigração masculina como é o Minho, todo o trabalho agricola está, por assim dizer a cargo da mulher, e não só o trabalho auxiliar como sucede nas outras provincias mas o trabalho forte e pesado do verdadeiro agricultor, que arroteia a terra com os seus proprios braços. É ella que a faz lavrar guiando os bois, é ella que semeia, que amorosamente cuida do seu campo, que recolhe os frutos do seu labor e ainda é ella que transacciona nas feiras, levando para casa o verdadeiro produto do seu proprio labor.

Nas Beiras (Alta e Baixa e Maritima) a mulher presta à Agricultura a sua preciosa cooperação pois sem ella difficilmente o homem poderia fazer os milagres de persistencia no esforço imenso de trepar com a cultura das suas leivas e arretos por serras e vales, que são o encanto da amorosa terra de Portugal.

No Algarve é quasi a ella que está entregue todo esse longo trabalho de apanha e secagem e acondicionamento do figo, que é uma das industrias mais rendosas da provincia, tendo como logica consequencia o desenvolvimento dos trabalhos de palma que são, cada vez mais, uma pequena industria regional de Arte.

No Alentejo, de cultura opulenta e extensiva, o trabalho agricola da mulher sómente se intensifica nas mondas do trigo e no tempo das colheitas, ou seja da azeitona, pelas frias geadas do inverno temporão dessa parte de Portugal, ou seja nas ceifas sob o sol a arder em Junho, todo festas e descantes aos santos populares; ou nas tardes doiradas do outono nas vindimas ruidosas e fartas. Do norte ao sul de Portugal a mulher dá à terra o seu amor e o seu esforço, não só a mulher do povo que trabalha com os seus braços e lhe quer com as raizes mais fundas do seu coração, como a senhora proprietária que de novo volta a ser o que foi nos maiores tempos da nossa grandeza a verdadeira dirigente moral da familia, a grande fixadora dos elementos étnicos da raça, a enraizadora ao solo bemdito da Pátria.

Tambem do norte ao sul de Portugal como nas ilhas adjacentes, o trabalho manual da mulher representa hoje uma tão grande valorização numerária que não pode deixar de ser tomado em conta pelos economistas.

Com as circunstancias especiais que a guerra mecanicamente

determinou, as chamadas pequenas industrias regionais, especialmente artisticas, sofreram um impulso que até hoje ainda não tinham atingido no nosso país.

Em neste ponto não só cabe à mulher portuguesa a tarefa material da execucao que é muito, como da propaganda e direcção, que mais é ainda.

É ao esforço inteligente de algumas senhoras de que destacaremos as fundadoras dos escritorios de venda «Arte e Ménage» e «Arte no Lar» que em grande parte se deve a maior expansao que está tendo em Portugal este negocio e a sua já valiosa exportação.

Especialmente a «Arte no Lar» dirigida pelas Sr.^{as} D. Adelaide de Almeida e D. Claudina Franco dos Santos levaram o seu esforço patriótico ao ponto de se abalçarem a realizar uma linda exposicao de trabalhos de arte regional portuguesa na «Camara de Comercio de S. Paulo», que teve naquela cidade um verdadeiro successo, com muita honra para o país.

Alem disso tem essas distintas senhoras conseguido despertar no estrangeiro o interesse pelas rendas, bordados, tecidos, ceramica e mobiliario regional portugueses, o que faz com que o escritorio seja procurado por todos os estrangeiros que passam por Lisboa.

Devemos tambem lembrar, neste momento em que as rendas portuguesas atingem uma tão alta beleza e perfeição, o nome duma senhora que muito fez para este movimento de progresso, criando o interesse dos artistas pela sua obra: a Sr.^a D. Maria Augusta Bordalo Pinheiro, que nos deixou um tipo de renda proprio e mais ou menos seguido por algumas rendeiras.

Alem das rendas de bilros que atingem a perfeição, especialmente em Peniche e Vila do Conde e mais ou menos se fazem já em todo o país, criando-se escolas profissionais em toda a parte onde existia a tradição rendeira e de bordados, a industria dos antigos tapetes de Arraiolos está ressurgindo duma forma interessantissima, seguindo os velhos padrões e adoptando os antigos processos na preparação e tinta das lãs. Os velhos tapetes e cobertas tecidas em lã e linho, que Traz-os-Montes e as Beiras mantinham pela unica força da tradição caseira, são agora uma já bem orientada industria, com procura e mercado certo.

Seria longo e fastidioso o enumerar neste pequeno artigo tudo quanto hoje se faz em Portugal em industrias artisticas regionais, mas não poderemos passar sem uma referencia à grande exportação de bordados e erivos e rendas da Madeira e Açores, aos alinhados

vados de Niza, aos tecidos e bordados em linho de Guimarães, aos bordados a côres de Viana do Castelo, aos tecidos de Vizeu, ás filigranas do Porto e tantas coisas em que a mulher portugueza é hoje um valor moral e economico, que muito honra e enriquece o pais.

Neste prodigioso movimento renovador em que se veem afirmando as energias duma raça, que tem deante de si um grande futuro, a mulher não se esquece de quanto deve à sua patria e ao seu grande passado.

As suas qualidades de intelligencia, as suas enormes faculdades de trabalho, a sua fé persistente nos destinos da Patria, fazem com que seja sempre um elemento a considerar a parte feminina da Nação Portugueza, não só sob o ponto de vista moral e sentimental, como tambem considerando-se um grande valor economico.

ANA DE CASTRO OSORIO.

